

POSSENTI, Sírio. *Os Humores da Língua*. Campinas, Mercado das Letras, 1998. 152 p.

Rodolfo Ilari*

Embora algumas categorias profissionais sejam mais duramente estigmatizadas nas piadas do que outras, divertir-se com boas piadas não é privilégio de nenhuma delas. Mas se o Prof. Sírio Possenti estiver correto, um forte interesse profissional liga os lingüistas a este gênero de texto humorístico breve, porque o fator através do qual as piadas desencadeiam o riso é a linguagem. É essa a tese central de seu último livro, *Os Humores da Língua* lançado há poucos meses pela editora Mercado das Letras em uma edição de aspecto convidativo, e de leitura agradável.

Merecidamente conhecido na comunidade acadêmica por seus trabalhos sobre análise do discurso e estilo, o Prof. Possenti vem-se dedicando ao estudo das piadas há mais de dez anos, tendo apresentado uma série de trabalhos sobre o assunto, principalmente nos seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. O volume ora publicado reúne oito desses trabalhos, escritos inicialmente para serem apresentados em reuniões científicas, aos quais foram acrescentados dois textos especialmente escritos para esta edição, e uma "Introdução". Para dar uma idéia do conteúdo do livro ao leitor desta resenha, valho-me da distinção entre esses dois conjuntos de textos – os mais "recentes", que refletem retrospectivamente sobre essa já longa experiência de trabalhar com piadas, além de tomar posição em relação a outros tratamentos possíveis; e os mais "antigos" que são mais tipicamente textos de análise. Mas essa distinção vale apenas como expediente de exposição: uma característica do Prof.

* Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

Possenti é a capacidade de passar naturalmente do exemplo à teoria e destes a uma reflexão metodológica sempre rigorosa sobre o modo de descrever e teorizar, e portanto há bons dados, análise e teoria em todos os textos.

A grande pergunta a que se responde na “Introdução” é o que justifica um novo livro sobre humor. Ela recebe uma resposta particularmente exigente: um novo livro sobre humor precisará partir de um ponto de vista novo. Segundo o Prof. Possenti, *Os Humores da Língua* cumpre essa exigência na medida em que, ao invés de analisar as motivações do riso (o “porquê” da comicidade), concebe o humor das piadas como intrinsecamente associado a mecanismos verbais que permitem às piadas funcionar enquanto textos (o “como” das piadas). Define-se assim desde a “Introdução” um enfoque essencialmente lingüístico, que coloca seu autor em um campo distinto daquele em que atuam, por exemplo, os psicanalistas e os sociólogos da cultura (o que não impede que um autor como Freud seja tomado como interlocutor em vários momentos do livro, e valorizado precisamente pelas agudas intuições lingüísticas reveladas em suas análises do chiste); por outro lado, a disposição para uma análise lingüística explícita distingue este trabalho de Possenti do de outros autores (como os *Semantic Mechanisms of Humor*, de Raskin, 1985; ou o *Language of Jokes* de D. Chiaro, 1992) que, embora reconhecendo à linguagem um papel importante no mecanismo que desencadeia o riso, não teriam tirado todas as conseqüências dessa posição.

No ensaio “Os lugares mais comuns sobre as piadas” a adoção desse ponto de observação, permite que o Prof. Possenti avalie com relativo conforto alguns “lugares comuns” de fundo não-lingüístico sobre piadas e acabe por fazer fortíssimas ressalvas a três deles: 1) que as piadas seriam culturais; 2) que, mal contadas, elas não funcionam; 3) que o humor seria sempre crítico. Rejeitadas por sua superficialidade ou desmentidas pela observação mais corriqueira (por exemplo, pelo fato de que a maioria dos programas humorísticos de televisão difundem um humor extremamente

reacionário), essas afirmações não servem como critério de definição; alcança-se, ao contrário, uma caracterização razoável quando se observa que toda piada recorre a alguma descoberta ou truque lingüístico, ou manipulação da linguagem, que resulta em tornar momentaneamente plausíveis leituras distintas de um mesmo enunciado, por um efeito de “superposição de sentidos”. O outro ensaio de “balanço”, “O discurso do humor: temas, técnicas e leituras” dá uma idéia da variedade dos recursos que podem ser investidos de relevância na compreensão de uma piada: esses recursos distribuem-se por todos os níveis da descrição lingüística, desde a segmentação da cadeia falada em morfemas até sintaxe e a interpretação contextual dos dêiticos, e é apenas por entender que esses mesmos recursos poderiam alimentar o funcionamento de muitos outros tipos de discurso que o Prof. Possenti descarta a possibilidade de falar de uma “gramática do humor”.

Nos oito ensaios que o livro traz, a partir da página 51, é menos evidente a preocupação de oferecer uma síntese ou de contrapor-se a enfoques não-lingüísticos. Uma boa maneira de compreendê-los, em seu conjunto, consiste em lembrar que eles aparecem no livro na ordem em que foram escritos e apresentados ao longo dos últimos onze anos – o que permite lê-los como momentos do processo pelo qual a teoria exposta na primeira parte do livro foi-se sedimentando. A principal preocupação do autor, num primeiro momento, parece ter sido a de dissecar a “técnica” por meio da qual as piadas desenvolvem o efeito de superposição de sentidos a que acabo de me referir; num segundo momento, parece ter sido a de verificar os limites dessa técnica, aplicando-a a alguns grandes segmentos do *corpus* de piadas (“O humor político”, “Piadas de criança”) às charges, geralmente de fundo político da segunda página dos grandes jornais (também em “O humor político”) e à comicidade dos textos de Luiz Fernando Veríssimo (“Isto é engraçado”).

Todos esses ensaios pressupõem, em suma, que a linguagem desempenha um papel específico na construção de textos humorísticos, o que

pode ser visto como aplicação ao caso particular do humor (mas não de qualquer tipo de comicidade) de uma tese que o Prof. Possenti defende em seus textos sobre estilo e análise do discurso – que a interpretação é fortemente tributária da estrutura. Para tornar mais claro o que o Prof. Possenti chama de “técnica lingüística”, consideremos esta anedota (que transcrevo da p. 53 do livro):

A – Você tem aí quinhentos mangos para me emprestar?

B – Não.

A – E em casa?

B – Tudo bem, obrigado.

Da primeira fala de Λ poderiam ser feitas duas leituras diferentes, conforme a ênfase é colocada em *tem* (“você tem como arranjar...?”) ou em *aí* (“você tem com você neste momento...?”). Aparentemente, B responde *não* para descartar ambas as possibilidades, subtraindo-se à obrigação de socorrer o amigo; este, sem dar-se por vencido, finge entender que Λ respondeu apenas à segunda interpretação da pergunta, e sugere que os quinhentos mangos que Λ não tem no momento, poderia tê-los em casa. Para encaminhar o diálogo nessa direção, Λ , em sua segunda fala, lança mão de um enunciado que seria naturalmente percebido como elíptico, e que, completado a partir do discurso anterior, significaria normalmente algo como “E em casa, *você também não tem os quinhentos mangos de que eu preciso?*”. Mas o enunciado “E em casa?” tem também uma segunda interpretação, como a fórmula de cortesia, por meio da qual se pergunta, ritualisticamente, sobre a saúde dos familiares do interlocutor (nesse caso, o enunciado se interpreta “Seus familiares passam bem?”). O locutor Λ está evidentemente interessado em que prevaleça a primeira leitura, mas B tira proveito da existência da segunda, e, respondendo a uma fórmula por meio de outra fórmula, escapa de ceder o empréstimo. A piada funcionou porque, em determinado momento, dois enunciados aparentemente banais se revelaram ambíguos e uma das personagens tirou proveito dessa ambigüidade.

Para alguns leitores, poderá parecer frustrante que no cerne de uma análise de piadas seja colocada uma questão lingüística. É preciso, então, alertá-los de que essa explicação não pretende, em nenhuma hipótese, rebaixar a importância dos fatores psicológicos ou sociológicos: eles são indispensáveis ao funcionamento da piada, coisa que o Prof. Possenti não nega (sua tese não é que esses fatores são dispensáveis, mas que, se não forem combinados com ingredientes lingüísticos adequados, falharão em dar origem a uma piada). Temos, portanto, uma análise que se dirige a uma parte específica, e em certo sentido mais pública (porque se traduz numa sequência de palavras) de um fenômeno, e que evita envolver-se com outros aspectos, embora não negue em nenhum momento sua existência. Penso que essa decisão não deveria ser motivo para objeções, a menos que ficasse provado, ao fim e ao cabo, que sobre essa parte pública do fenômeno não há nada de interessante a dizer, o que não é o caso. Quem gosta de argumentos fortes poderá comparar o recorte que o Prof. Sírio Possenti faz em seu livro a outro recorte, bem mais célebre, mas em certo sentido análogo: o que permitiu a Grice definir as implicaturas. Toda implicatura nasce num contexto carregado de condicionamentos ideológicos e psicológicos; mas Grice conseguiu definir a implicatura como um fenômeno pragmático específico (penso que este mérito não lhe será negado nem mesmo por aqueles que se interessam de preferência pelos outros aspectos) porque não tematizou aqueles condicionamentos.

Objeto de redescoberta a cada etapa, a tese central de que por baixo de toda piada há a construção de um equívoco ou de uma ambigüidade de caráter verbal vai sendo reafirmada e qualificada ao longo dos ensaios. Encontra uma forte confirmação no depoimento de Luiz Fernando Veríssimo, segundo o qual o humor é uma questão de técnica, disponível mesmo para quem, como ele, não é pessoalmente engraçado (nas primeiras linhas de "Isto é engraçado"), e é posta à prova mediante algumas "exceções que confirmam a regra": o Prof. Possenti argumenta, por exemplo, que os textos engraçados em que falta o elemento lingüístico acima

descrito realizam um outro tipo de comicidade, diferente do humor (no mesmo ensaio). A meu ver, esta última questão mereceria ser trabalhada mais a fundo, volto a ela logo adiante.

Seja como for, os ensaios da segunda parte são extremamente convincentes não só em defender aquela tese geral, mas também em explicitar as suas implicações, que vão num duplo sentido: 1) realçar a diversidade e a complexidade dos conhecimentos lingüísticos envolvidos na construção e interpretação de piadas; 2) chamar a atenção para aspectos do funcionamento da linguagem que tenderíamos a negligenciar, alguns deles altamente problemáticos para várias concepções lingüísticas estabelecidas. Trabalhadas mais extensamente, ou apenas esboçadas, as implicações percebidas pelo Prof. Possenti respondem, de maneira convincente, à exigência feita na “Introdução” e são, a par do rigor das análises, um dos pontos altos do livro. Por isso, na seqüência desta resenha, pareceu-me mais importante dar uma idéia desse trabalho de tirar conseqüências a partir das análises feitas, do que entrar no mérito de cada um dos artigos.

1. Começemos por realçar a complexidade das operações lingüísticas envolvidas nas piadas. Embora o *corpus* do Prof. Possenti seja constituído, em grande parte, por piadas em que rimos de uma personagem que verbalizou uma interpretação inesperadamente simplória ou bisonhamente forçada – o que poderia levar-nos a crer que os mecanismos lingüísticos são também simplórios e, portanto, elementares – o que acontece é precisamente o contrário, a tal ponto que, na maioria dos casos, não temos à mão teorias prontas e de fácil aplicação para a inesgotável série de descobertas que as piadas vão realizando, e em outros casos temos que mobilizar explicações extremamente sofisticadas. Um bom exemplo desta sofisticação é a piada, analisada em “Do que você está rindo? Ou um riso quase adverbial”, em que um indivíduo confia ao outro que está “com vontade de comer a Luiza Brunet de novo”. Essa piada joga com a interpretação do adjunto *de novo*; para explicá-la torna-se necessário lançar mão da noção de escopo, que muitos lingüistas só conhecem de ouvir dizer;

2. Outra “moral da história” que o Prof. Possenti deriva de suas análises diz respeito à crença de que a interpretação de qualquer texto seria indefinidamente aberta, ou, por outra, de que tudo significa potencialmente tudo. No momento pós-estruturalista que vivemos, parece correto aceitar a tese de que, quanto mais impregnada de história for a noção de sujeito e quanto mais criativo for o gênero a que um texto pertence, mais aberta será a interpretação deste último. Essa tese responde, à sua maneira, ao velho problema de validar interpretações, que os estudiosos de literatura conhecem de outros carnavais, e acaba por colocar sob suspeita a existência de uma interpretação “literal”, intersubjetivamente válida e justificável a partir do texto. As piadas, argumenta o Prof. Possenti, fornecem um forte argumento *contra* essa tese, pois, embora a contribuição dos intérpretes seja indispensável para sua compreensão, impõem interpretações muito precisas, sob pena de não funcionarem enquanto textos de piada. É a “moral” que se resume no título do ensaio “*Imposição da leitura pelo texto: casos de humor*” (p. 51-62), e nas linhas finais de outro:

A moral que se pode extrair desses fatos é que não existe leitor sem textos, o que deveria parecer óbvio, mas parece que não é. E que textos podem permitir mais de uma leitura, mas freqüentemente impõem só uma, e geralmente impedem uma leitura qualquer. (“Operações epilingüísticas em textos humorísticos”, p. 71-78);

3. Se faz parte da receita de uma boa piada que alguma personagem se revele risível, ao fim e ao cabo, também faz parte dessa receita que alguma aproximação lingüística seja elaborada com muita destreza verbal, com astúcia e, às vezes, com muita sorte. Explica-se, assim, que o Prof. Possenti coloque o trabalho do piadista em paralelo ao do pesquisador da linguagem, com o cuidado de estabelecer uma espécie de quarta proporcional pela qual o primeiro teria um caráter epilingüístico e o segundo um caráter metalingüístico: ambos operam sobre a língua, ambos precisam trabalhar sobre semelhanças observadas amarrando, precariamen-

te, significantes e significados; a diferença reside no rigor das formulações, não necessariamente na argúcia dos *insights*. Ouvi contar, certa vez, que um dos testes mais seguros para identificar espões infiltrados nas linhas da Resistência, durante a ocupação alemã da França, consistia em prestar atenção não em seu sotaque, mas na maneira como reagem a textos humorísticos: o domínio do léxico e da entoação apresentariam dificuldades bem mais elementares que a interpretação de um banal *jeu de mots*. Verdadeira ou falsa que seja, esta história faz jus ao alto grau de proficiência lingüística que se exige para a compreensão dos textos humorísticos que, por sua vez, encontra na exposição do Prof. Possenti uma explicação altamente plausível;

4. Observando de perto o fator lingüístico que fundamenta as piadas, o Prof. Possenti verifica que este consiste, no mais das vezes, num uso errático do teste de comutações, o mesmo que todo lingüista principiante aprende a aplicar para, como se diz às vezes “picar morfemas”. O uso que as piadas fazem desse teste é errático, porque o autor da piada, à diferença do lingüista, não controla todos os elementos da comutação: a anedota sobre o herói-bricoleur MacGiver (p. 104) é um bom exemplo dessa aplicação inconseqüente do teste; a comutação, tal como é usada na piada, não serviria para o lingüista, porque deixa sobrar segmentos (*vita-*, *terre-*) que não podem ser aproveitados como palavras do português:

A – Como é que MacGiver consegue fugir de um deserto, só com uma laranja e um canivete?

B – ?

A – Com o canivete, ele corta a laranja. O que é que tem na laranja? Vitamina. Joga fora a vita e fica só com a mina. Explode a mina e provoca um terremoto. Joga fora a terra, pega a moto e vai embora.

A observação de que as piadas usam o teste de comutação (como o faz a etimologia popular, e como o fizeram algumas orientações estruturalistas mais radicais) levanta um problema espinhoso quando se lembra

que elas são consideradas, desde os estudos de Freud sobre os chistes, como instâncias da linguagem do inconsciente. Aproximando inconsciente e comutação, o Prof. Possenti aventa uma possibilidade que é explosiva para certas orientações psicanalíticas de análise do discurso: o inconsciente falaria a linguagem da estrutura...

As observações que acabo de fazer deveriam dar uma idéia da riqueza dos questionamentos que surgem nas inúmeras ocasiões em que, após analisar lingüisticamente uma piada, o Prof. Possenti passa a refletir sobre as conseqüências de sua própria análise. Deveriam mostrar que, apesar dos freqüentes comentários em que sugere propósitos pouco ambiciosos (por exemplo, a observação de que o principal objetivo do ensaio é *divertir* o autor e os leitores), este pequeno livro reabre várias questões fundamentais que os estudiosos de pragmática, semântica e análise do discurso preferem ignorar. Essas questões são formuladas a propósito de dados intuitivamente pacíficos, mas nem por isso menos desafiadores do que certos exemplos que marcaram época, como os famosos “Idéias verdes incolores dormem furiosamente”, “O rei da França é calvo” ou “O gato está sobre o tapete”. Penso que não haveria necessidade de dizer mais, a título de recomendação do livro, para o bom leitor que, por ser antes de mais nada um bom entendedor, não precisa de mais que meia palavra.

Quero, porém, encerrar esta resenha, dirigindo ao Prof. Possenti dois desafios (ou dois convites) que poderão render frutos para todos nós. Acho correto fazê-los, neste texto de resenha, porque se trata, em ambos os casos, de explorar linhas de desenvolvimento que vêm formuladas com todas as letras em *Os Humores da Língua*. Além dos desafios, uma recomendação:

1. A recomendação é no sentido de serem corrigidas algumas falhas de revisão que escaparam nesta primeira edição, quando for feita a segunda (é previsível que isso aconteça logo). Há um certo número dessas pequenas falhas, e algumas prejudicam o entendimento do texto (por exemplo, na p. 115, *repletíssimo lunes* foi grafado *reputíssimo lunes*, numa piada

em castelhano sobre políticos, em que se trata de opor a agenda cheia da segunda-feira, à calmaria do domingo);

2. O primeiro convite diz respeito ao papel que a linguagem desempenha, não na criação de piadas, mas nesse outro tipo de criação socialmente e esteticamente prestigiado, que é a criação poética. O Prof. Possenti mostrou que, por dependerem de uma descoberta feita sobre a língua em que se exprimem, muitas boas piadas são, em princípio, intraduzíveis. As cuidadosas observações que ele faz sobre a traduzibilidade das piadas (em *Os discursos do humor: temas, técnicas e leituras*) poderiam aplicar-se sem qualquer alteração de fundo à poesia (e talvez a outros gêneros): para as composições poéticas, a tradução é também problemática, porque nada garante que as aproximações de forma e sentido que o poeta elaborou na língua de partida se conservarão na língua de chegada. Pense-se, por exemplo, na dificuldade de traduzir para o inglês o conhecido verso de Murilo Mendes:

“(...) passarão e eu passarinho”.

Uma tradução inglesa como

they will pass by and I birdy

não serve, e, à diferença das fórmulas inventadas por Millôr em *And the cow went to the swamp*, não chega nem mesmo a ser engraçada (por quê?). Uma tradução francesa é possível se ao invés do termo mais corrente, *petit oiseau*, recorrermos ao menos usado *passereau*.

*ils passeront et moi je passereau / * petit oiseau*

Mas não tenho certeza de que *passereau* e *passarinho* sejam a mesma coisa, apesar da origem comum. Vê-se que a prática do poeta e a do piadista se superpõem parcialmente, na medida em que resultam em dar

realce a coincidências possíveis no interior de um código lingüístico. Mas é evidente que os efeitos visados são distintos (humor num caso, criação de imagens que permitem uma apreensão intuitiva do real no outro); decidir até que ponto a exploração da linguagem, que se faz nos dois casos, é a mesma é, certamente, uma questão em que vale a pena investir;

3. O segundo convite é no sentido de pedir que o Prof. Possenti faça uma incursão mais ampla – e teoricamente mais explícita – nos campos da narrativa e do humor, para além do caso das piadas. A tese de que toda piada tem um fundamento lingüístico mantém um vínculo muito forte com outra, em princípio mais específica, segundo a qual toda piada se fundamenta em alguma fala que dá margem ao equívoco, possivelmente uma ambigüidade, seja ela de segmentação ou outra. Em face dessa tese, cabe, na verdade, perguntar se ela responde a uma concepção intuitiva de piada que seja amplamente compartilhada, o que exigiria, antes de mais nada, que fosse razoavelmente claro o que se entende correntemente por piada. Penso que estamos longe dessa clareza intuitiva. Em uma entrevista dada aos jornais, um ex-ministro, cuja identidade não interessa aqui, falando do comportamento de nossos políticos diante de possíveis mudanças, relatou o seguinte diálogo, que se teria passado entre dois catadores de lixo, enquanto empurravam penosamente seus carrinhos carregados de papéis e outros recicláveis numa fria madrugada paulistana:

A – O que você faria se fosse presidente da república?

B – Eu levantaria às dez e faria o primeiro carreto às duas da tarde.

Certamente, o diálogo acima pode “ser consumido como” uma piada: o efeito final é cômico, já que rimos da ingenuidade de B, que não sabe tirar proveito nem mesmo de uma chance hipotética. Mas não temos propriamente duas leituras possíveis para um mesmo segmento. Algo análogo (possível consumo como piada, mas nada de duplas leituras) ocorre com o conhecido episódio de Rabelais, que resumo a seguir:

Numa feira, um sujeito come seu pão depois de passá-lo pela fumaça de um cozido de carne que está sendo preparado numa banca. O vendedor de cozido quer ser pago pela fumaça, o homem do pão recusa-se a pagar e um bobo acaba sendo chamado para julgar a disputa.

O bobo pede uma moeda graúda ao indivíduo do pão, bate-a para que todos ouçam o seu som, e sentencia que a fumaça do cozido está bem paga pelo som da moeda.

Podemos decidir que essas e outras histórias são piadas ou que não são; o fato de que precisamos tomar essa decisão mostra que o Prof. Possenti, em sua rigorosa análise, chegou a caracterizar aquilo que, em termos escolásticos, poderíamos chamar de “diferença específica” das piadas, mas não se deteve em caracterizar para essas composições verbais um “gênero próximo”. Não fica claro se o gênero maior em que se incluem as piadas é o conjunto dos textos humorísticos, ou um certo subconjunto dos textos narrativos (por exemplo, o subconjunto que Alfred Jolles, 1922, reuniu sob o nome de “formas simples”). Penso que todos sairíamos ganhando se o Prof. Possenti se dispusesse a teorizar sobre os limites desse conjunto maior, com os métodos que foi afinando na análise das piadas, porque é provável que a linguagem, intervindo em todos esses tipos de composição verbal de algum modo próximos – nos “casos”, nas narrativas biográficas em que se mostra a sagacidade ou a toleima das personagens históricas, nas adivinhas, ou as comédias, nas farsas, nos jogos de palavras etc. – faça contribuições altamente específicas.

Em uma das passagens iniciais do livro, o Prof. Possenti alude a um possível leitor que leria seu livro como um “livro de piadas”. Dada a maneira absolutamente caótica como os leitores escolhem suas leituras em nosso país, não é impossível que isso venha a acontecer. Mas o caos não é necessariamente o pior dos mestres, e esse leitor corre o risco de passar a gostar de lingüística, além de esbaldar-se com um *corpus* de piadas bem selecionadas. Como dizia Feyerabend, respondendo a um assistente que o qualificou carinhosamente de “*entertainer*”, a boa ciência não precisa ser

maçante. E as boas introduções não precisam ter o gosto monótono dos manuais.

Os Humores da Língua é o próprio anti-manual: parte de dados que todos entendemos, e elabora análises que poderíamos qualificar de evidentes. Tudo tão simples, que tende a nos escapar o essencial: parando para pensar depois da leitura, percebemos que o referencial usado em nossa caça às evidências, antes e depois, não é o mesmo.